

PROVA BRASIL NA ÓPTICA DE ALUNOS: UMA INVESTIGAÇÃO PRELIMINAR

Taniela Rodrigues de Sousa¹
Daiana Danubia Bezerra de Oliveira²
Orientador Marcelo Medeiros da Silva³

INTRODUÇÃO

Avaliação perpassa o processo formativo de qualquer indivíduo, já que no sistema educativo as avaliações estão presentes a cada ano letivo, o que se configura como uma experiência positiva para aqueles que atendem ao que é avaliado ou negativa para outros que, não atendendo a contento aos testes, acabam sendo punidos com notas baixas, reprovações, evasões. O nosso sistema educativo é de base quantitativo e não qualitativo, ou seja, é uma nota que decide se o aluno aprendeu ou não, se pode ou não progredir.

Enquanto bolsistas do Programa Interinstitucional de Bolsa de Iniciação à Docência (PIBID), passamos a ter um olhar mais acurado para as questões que envolvem o processo educativo. Dentre essas questões, tendo em vista que a turma em que estamos atuando deve realizar o exame da Prova Brasil e, por isso, todas as atividades da disciplina de língua portuguesa deveriam ter este exame como foco, interessou-nos investigar o impacto da Prova Brasil na escola em que estamos atuando. Objetivamos verificar quais as percepções que os alunos do 9º ano têm acerca desse teste de larga escala e ao mesmo tempo confrontar essas percepções com as ações da escola na preparação deles para a realização da prova.

A Prova Brasil é uma prova que tem como intuito avaliar o rendimento escolar e é aplicada a cada dois anos. Segundo o portal do MEC, “A Prova Brasil é aplicada censitariamente aos alunos de 5º e 9º anos do ensino fundamental público, (...) em escolas que tenham no mínimo 20 alunos matriculados na série avaliada.” Assim basicamente todas as instituições públicas passem por esse exame, fazendo com que juntas procurem um meio de desenvolver uma série de aptidões exigidas para cada aluno.

Expliquemos que o desejo de realizar o presente trabalho adveio de nossas observações em uma turma do 9º ano do ensino fundamental de uma escola da rede pública de ensino do cariri paraibano, uma vez que percebemos que há toda uma pressão para que os alunos logrem êxito na realização da Prova Brasil porque, de certa forma, a escola em que eles estudam também logrará êxito, aumentando o seu Índice de Desenvolvimento da Educação Básica (IDEB). Para captarmos as percepções dos alunos sobre a Prova Brasil, aplicamos um questionário com 22 alunos do 9º ano. Esse questionário era composto por nove perguntas abertas. As respostas a esse questionário constituem os dados sobre os quais mais à frente nos debruçaremos à luz de trabalhos realizados por estudiosos como Cunha (2003), Luckesi (2002, 2006), Lima (1985) e Perrenoud (1999).

A análise das respostas ao questionário aponta para a necessidade de os alunos participarem dos processos avaliativos não apenas como objetos, mas sujeitos da avaliação,

¹ Graduando do 5º período do Curso de Licenciatura em Língua Portuguesa do Centro de Ciências Humanas e Exatas da Universidade Estadual da Paraíba - PB, tanielasousa@gmail.com;

² Graduando do 5º período do Curso de Licenciatura em Língua Portuguesa do Centro de Ciências Humanas e Exatas da Universidade Estadual da Paraíba - PB, daianadanubial8@gmail.com;

³ Doutor em Letra pela Universidade Federal da Paraíba, professor de Licenciatura do Centro de Ciências Humanas e Exatas da Universidade Estadual da Paraíba (UEPB) e coordenador de área, na mesma instituição, do subprojeto de Letras- Língua Portuguesa do PIBID, marcelomedeiros_silva@yahoo.com.br

uma vez que, na realidade educacional investigada, os alunos não são ouvidos quanto às próprias necessidades formativas e isso incide nos resultados de testes padronizados como a Prova Brasil.

PROCEDIMENTOS METODOLOGICOS

Esse artigo é fruto de observações participantes e de intervenções didáticas em aulas do 9º ano em uma escola pública do município de Monteiro-PB. A metodologia empregada foi a da pesquisa-ação, pois estivemos envolvidas diretamente no processo de formação dos alunos para a realização do exame de língua portuguesa SAEB/Prova Brasil. Como instrumento de coleta de dados, valemo-nos de um questionário com nove questões que foi respondido por 22 alunos. A análise das repostas foi feita a partir de uma perspectiva interpretativista que levou em consideração o que foi apresentado em cada questionário, mas também o que observamos em sala de aula e anotamos em nosso diário de campo.

AS AVALIAÇÕES EXTERNAS E O ENSINO DE LÍNGUA PORTUGUESA:

O ensino de Língua Portuguesa ainda é marcado por uma perspectiva centrada no domínio de certas taxionomias gramaticais, apesar da existência de documentos parametrizadores que orientam que o eixo do ensino de língua materna deve ser o texto a partir do qual o docente precisa levar os alunos ao desenvolvimento das competências para escrever, ler, falar e ouvir. A manutenção dessa perspectiva tradicional é entendida por Lima (1985) da seguinte forma:

O posicionamento, visto assim, é fruto de uma tradição histórica, organizada numa concepção clássica do ensino da língua, trazida pelos jesuítas. Em termos concretos, essa tradição de ensino, que procurava seu aperfeiçoamento evitando qualquer alternativa, fazia com que o professor que só havia aprendido gramática, apenas gramática ensinasse, fechando assim um círculo vicioso, com poucas perspectivas de mudanças (LIMA, 1985, p.2).

A permanência de tal perspectiva de ensino entra em dissonância com o que os testes padronizados, como a Prova Brasil, exigem dos alunos que são submetidos a tais exames de larga escala. Por exemplo, a nosso ver, a Prova Brasil é um exame que afere, a partir de um conjunto de descritores específicos, a competência leitora dos alunos, configurando-se, portanto, como uma espécie de prova de proficiência em leitura em língua materna. Logo, se o aluno passou todo o seu processo formativo imerso em práticas centralizadas no ensino gramatical, ele tende a não se sair bem na Prova Brasil. E isso não é levado em conta assim como não são consideradas outras questões que envolvem aspectos socioeconômicos, a estrutura da escola, a natureza do processo formativo em si. Nas palavras de Perrenoud (1999), podemos dizer que “A noção de desigualdade de oportunidades, não significou até um período recente, nada, além disto: que cada um tenha acesso ao ensino, sem entraves geográficos ou financeiros, sem inquietação com seu sexo ou sua condição de origem”. (PERRENOUD, 1999, p.14).

Quando verificamos o site oficial do Ministério da educação (MEC), vemos que está dito que as questões socioeconômicas são um dos fatores levados em consideração, pois, antes da aplicação da Prova Brasil, são aplicados questionários socioeconômicos com os alunos

participantes e a comunidade escolar. Talvez, esse questionário incida no resultado final do IDEB, mas, certamente, ele não incide sobre a elaboração do exame. De toda forma, não podemos desconsiderar que os exames são formas de avaliação quantitativa e, conseqüentemente, classificatória. A partir dos exames, metas são perseguidas, dados são contabilizados, alunos são, de certa forma, compensados ou punidos:

O ato de avaliar importa coleta, análise e síntese dos dados que configuram o objeto da avaliação, acrescido de uma atribuição de valor ou qualidade, que se processa a partir da comparação da configuração do objeto avaliado como um determinado padrão de qualidade previamente estabelecido para aquele tipo de objeto. O valor ou qualidade atribuídos ao objeto, ato ou curso de ação, a partir do valor ou qualidade atribuídos, conduz a uma decisão nova, a uma ação nova: manter o objeto como está ou atuar sobre ele (LUCKESI, 2006, p.76).

Diante disto, é importante pensar o ensino como uma prática que precisa levar em consideração aspectos não apenas avaliativos, mas também formativos do aluno.

RESULTADOS E DISCUSSÕES

Para a produção do nosso trabalho, aplicamos um questionário com nove perguntas que buscavam investigar a percepção dos alunos acerca da Prova Brasil. Afinal, se eles são avaliados pelo resultado de tal exame, acreditamos que precisavam também ser ouvidos.

Na primeira questão, procuramos identificar o que os alunos sabiam sobre a Prova Brasil e se a escola havia, em algum momento, explicado a eles o que era esse exame. De um universo de 22 alunos, apenas um disse que não. Os demais afirmaram que conheciam o que era o exame e que a escola já havia explicado a eles.

Na segunda questão, procuramos entender se os alunos viam necessidade da aplicação da Prova Brasil. 7 alunos responderam que a avaliação era necessária para fins de crescimento pessoal e do desenvolvimento enquanto aluno. Nesse caso, talvez, inferimos, que esses sete alunos compreendam que ela seja mais uma das inúmeras avaliações a que eles são submetidos em seu percurso na escola. Os demais quinze alunos responderam que a prova é necessária para avaliação deles, já que tem como intuito avaliar em qual nível de estudo eles estão. Aqui, talvez, ressoe certo discurso passado pela escola durante os momentos de explicação sobre o que é a Prova Brasil.

A terceira questão objetivava entender os estímulos dados aos alunos para a realização do exame. 5 alunos afirmaram não se sentirem motivados para fazerem a prova. Muitos ficaram em dúvida quanto à resposta, pois comentaram que, pelas notas negativas obtidas no decorrer do ano, isso os deixava inseguro, sobretudo porque são, de certo modo, pressionados para melhora de notas, como se as notas altas na escola equivalessem a notas altas quando da realização da Prova Brasil. O restante dos alunos respondeu que, em geral, se sentia motivado a realizar prova porque iria estar “testando seus conhecimentos”.

Na quinta questão, tentamos saber qual o conhecimento dos alunos acerca dos descritores, já que são estes que guiam o processo de correção da Prova Brasil. Os alunos responderam que já os conheciam porque a escola realiza simulados e aulas com foco no estudo de tais descritores. Dentre as respostas obtidas com essa questão, apenas 9 alunos responderam que possuem conhecimentos específicos dos descritores, como o que cada um dos descritores propõe, porém, não expuseram se esse conhecimento tinha sido repassado pela

[Digite texto]

professora. Muitos dos alunos apontam que os descritores foram mencionados em algum momento durante as aulas, mas afirmam que não possuem uma noção da sua importância ou como uma avaliação é construída segundo esses descritores. Avaliando essas respostas, percebemos que a falta de uma explicação mais detalhada dos descritores deixa os alunos com a mera idéia do “achismo”, pois muitos tentam deduzir o que representam esses descritores, mas de fato não sabem o seu significado.

As questões cinco e seis tinham como objetivo saber se a forma como os conteúdos são ministrados pela professora auxiliam para a realização da Prova Brasil e se os alunos tinham conhecimento da importância dessa avaliação para a escola. O posicionamento dos alunos em relação às aulas ministradas foi de cunho positivo, na maioria das respostas os alunos apontaram que o fato de as aulas serem ministradas sempre com a finalidade de aplicação de alguma atividade resulta em um bom auxílio para a realização da prova, pois, através das atividades, as dúvidas em alguns conteúdos podem ser expostas e dirimidas. Quanto aos questionamentos sobre a importância da prova para escola, os alunos responderam que a prova trazia benefícios, pois, com o aumento do IDEB, a escola passaria a ter uma boa representatividade. Logo, de certo modo, os alunos têm consciência do impacto que a prova Brasil traz para a escola.

A sétima questão buscava compreender se os alunos viam o resultado da Prova Brasil como fruto apenas do trabalho da professora de Língua Portuguesa. Ao se deparar com essa questão, acreditemos que os alunos não a compreenderam por completo, pois o que obtivemos foram na sua maioria respostas acerca de como a aula é ministrada. Muitos dos alunos responderam que a professora está preparada e ensina muito bem, e um dos alunos usou da expressão “*Só não aprende quem não quer*” para ressaltar o nível de ensino da professora. Em geral, a turma respondeu que a professora ensina bem, porém acredita que apenas o ensino de sala não é suficiente para um conhecimento vasto, afirmando que se deve estudar em casa também. Diante da pergunta, apenas um aluno a respondeu se direcionando ao objetivo proposto por nós. Esse aluno explicou que as outras disciplinas também ajudam no desempenho da prova, e essa resposta nos leva a tentar refletir em como se dá a influência das outras disciplinas quanto à realização deste exame, uma vez que o conhecimento envolve todas as áreas e as questões da prova não são pensadas apenas visando o conhecimento de Língua Portuguesa.

A oitava questão versava sobre as possíveis dificuldades para realização do exame.¹¹ alunos responderam que não irão sentir dificuldade alguma, enquanto os demais se sentem inseguros e acham que o nervosismo poderá atrapalhá-los. Muitos também se preocupam com a possibilidade de cair algum conteúdo que eles possuem maiores dificuldades. Essa preocupação revela uma confusão entre o que a escola cobra e o que a Prova Brasil exigirá. A escola cobra conteúdos; a Prova Brasil a demonstração de competências de leitura e de letramento matemático. Por fim, a última questão procurou saber a avaliação dos alunos quanto às intervenções realizadas pelo PIBID. As respostas apontam para uma satisfação quanto ao trabalho desempenhado por nós.

O que podemos observar, a partir de Luckesi (2002), é que estas práticas avaliativas, como a SAEB/Prova Brasil, se confundem com “exames” e que isso acontece devido à utilização da avaliação para “classificar” os alunos e atribuir-lhes notas e conceitos, o que, segundo o referido autor, faz do exame um processo que é seletivo e, conseqüentemente, excludente, uma vez que os alunos que passarem, provavelmente, terão seus nomes para toda escola ver e os que não conseguirem atingir o resultado esperado pela escola não serão reconhecidos pelo esforço dispendido para atingirem o objetivo que não é dos alunos, mas da

própria escola, pois esta precisa mostrar que é de qualidade e, para isso, esses testes servem como referência.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Por fim, em nossa análise constatamos que os alunos sabem o que é a SAEB e também entendem que serão submetidos a esse exame, porém diante de todas as informações obtidas com a aplicação do questionário a que nos chamou mais atenção e que se tornou mais relevante é o fato de muitos alunos verem a prova como método avaliador e medidor do conhecimento. Entretanto, cabe às instituições pensarem nesse alunado não como sendo os únicos responsáveis pelo desempenho da escola, mas, sim, pensarem na qualidade do que é ensinado e não apenas criarem condições de estudo para obtenção de um resultado positivo no exame. Por tanto, é preciso pensar métodos de ensino em que os alunos possam ver as avaliações como uma construção do processo de conhecimento e não como instrumento de poder para uma qualificação.

REFERÊNCIAS

- CUNHA, Maria Isabel da. **Inovações pedagógicas: tempos de silêncios e possibilidades de produção**. Interface – Comunic., Saúde, Educ. v7, n 13, p. 149-58, ago. 2003.
- LUCKESI, C. C. **Avaliação da aprendizagem escolar**. 18ª ed. São Paulo: Cortez, 2006.
- LUCKESI, C. C. **Avaliação da aprendizagem escolar**. 13º ed. São Paulo: Cortez, 2002.
- PERRENOUD, P. **Avaliação: da excelência à regulação das aprendizagens**. Entre duas lógicas. Porto Alegre: Artmed, 1999.
- LIMA, Rachel Pereira. **O ensino de língua portuguesa: aspectos metodológicos e lingüísticos**. Disponível em: <http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0104-40601985000100002> Acessado em 03 de Outubro de 2019.